

Nome: Renato Alves Aleikseivz

E-mail: renato.aleik@hotmail.com

Instituição de Ensino: UFPR

Orientador: André de Macedo Duarte

A FILOSOFIA COMO DIAGNÓSTICO DO PRESENTE EM FOUCAULT

Resumo: A comunicação tem a intenção de investigar como a noção de filosofia, entendida como diagnóstico do presente a partir de Michel Foucault, pode se constituir como importante arma de resistência ao presente.

O filósofo francês Michel Foucault representa um horizonte teórico não negligenciável para os debates e as lutas que se desenrolam no presente. Desde o início de sua produção teórica de fôlego, notadamente a partir da década de sessenta com a publicação de *História da loucura*, seu nome não para de apontar como importante referencial. Com efeito, nossa investigação pretende demonstrar que se a obra de Foucault possui esse caráter essencialmente prático, isto é, norteador das lutas cotidianas, é porque sua concepção de filosofia é compreendida, fundamentalmente, como *diagnóstico*.

Ainda na década de sessenta, partindo de Nietzsche, Foucault afirma seu trabalho possui uma semelhança com a filosofia. Essa constatação diz respeito ao fato de que a filosofia, desde Nietzsche, não é mais pensada como discurso que busca encontrar uma verdade última e que, em última instância, seria válida para todos e em todos os tempos. Para Foucault, enfim, a atividade filosófica não é outra coisa senão a atividade de diagnosticar: o que somos nós hoje e o que é esse hoje em que vivemos.

Ora, nossa aposta é de que a compreensão da filosofia como atividade de diagnóstico está intimamente ligada à possibilidade de resistência. Em outras palavras, a filosofia nos permite pensar novamente a nossa realidade e o mundo, tornando-nos outros. Nesse sentido, a comunicação tem como recorte a obra genealógica de Michel Foucault. Pretendemos analisar alguns aspectos da analítica do poder desenvolvida pelo filósofo a

partir de 1970, ou seja, a partir do momento em que se torna professor do *Collège de France*. A partir desse momento suas pesquisas, que já demonstravam uma proximidade com o pensamento de Nietzsche, serão marcadas ainda mais pelo traço nietzschiano. O artigo *Nietzsche, a genealogia, e a história* parece se constituir como manifesto desse deslocamento na pesquisa foucaultiana que passa do acento metodológico na arqueologia (análise das formações discursivas) para a genealogia.

Concentraremos nossos esforços no seguinte sentido: procurar compreender os *deslocamentos* na pesquisa foucaultiana dentro do eixo do poder. Isto é, a partir de 1978, mais especificamente a partir do curso *Segurança, território, população*, constata-se uma significativa mudança dentro da própria pesquisa sobre o poder que, ao fim e ao cabo, remodelará a concepção de resistência foucaultiana.

Como apontam seus comentadores, Michel Foucault foi alvo de inúmeras críticas após a publicação de *Vigiar e punir* e, principalmente, de *A vontade de saber*. Acusavam-no de apresentar um poder implacável, que não reservava espaço algum para a liberdade ou, igualmente, para uma possível resistência. Ora, tais críticas decorrem do fato de que a analítica do poder foucaultiana, pelo menos até a publicação do primeiro volume da *História da sexualidade*, inspirada fortemente em Nietzsche, concebia o poder como sendo essencialmente uma luta agonística de forças. O poder era compreendido, *grosso modo*, de modo relacional, isto é, uma força buscando dominar outra.

Com efeito, o filósofo insistia no fato de que “onde há poder, há resistência”. Fato é que, a despeito das ressalvas por parte de Michel Foucault de que as resistências não seriam o subproduto das relações de poder, não há uma tematização detalhada dessa questão. Os críticos de Foucault continuavam insistentemente colocando a questão: se o poder se encontra disseminado por sobre o tecido social, ou seja, se ele não possui um centro facilmente detectável; e, se as lutas emanam todas da mesma estratégica, como se podem legitimar os levantamentos e as resistências?

A análise da analítica do poder do ponto de vista de seus deslocamentos internos, poderia nos fornecer, então, subsídios para melhor compreender como a questão da resistência é refinada no pensamento foucaultiano. A partir do curso *Segurança, território, população* identificamos uma mudança na concepção de poder. O poder não será mais

entendido como sendo unicamente da ordem do enfrentamento de forças, mas será paulatinamente tematizado como sendo da ordem do *governo*, da condução de condutas.

Assim, questão do *como governar* aparece como tendo cada vez mais relevância nas pesquisas foucaultianas. Na medida em que a questão do governo, ou da arte de governar, adquire importância na obra de Foucault, a noção de resistência também será, em alguma medida, reinterpretada. O filósofo lembra-nos do fato de que a governamentalização, característica das sociedades do Ocidente a partir do século XVI, *não pode* estar dissociada, parece-me, da questão de como não ser governado? Tal preocupação, com efeito, ainda nos diria respeito intimamente.

Em suma, esta comunicação se inscreve como pertencendo ao esforço, iniciado por Michel Foucault, em descrever o presente. História do presente, portanto. Foucault, ao permitir a abertura de um campo de estudos em que a problematização do tempo presente é o primordial, introduz na ordem do dia questões seminais que nos dizem respeito diretamente. Além disso, ao deixar de ser meramente um tema para estudo teórico e passar a ser problematização dos modos de sujeição, uma política pode se desenhar. As análises foucaultianas oferecem-nos instrumentos e resistências para práticas políticas e de liberdade bastante concretas.

Palavras chave: diagnóstico do presente; governamentalidade; resistência.